

## INTRODUZINDO A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DA MANIPULAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO

Elisete Mallmann<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta uma proposta para desenvolver a linguagem da arte na Educação Infantil, através da manipulação e experimentação de diferentes materiais. Apoiada no princípio de estimular o contato das crianças com o universo que as cerca, para que de forma natural e significativa, possam ampliar gradativamente conhecimentos indispensáveis em seu processo criativo. Com o suporte de conceitos teóricos inspirados nos ideais de uma *educação do sensível*, de José Francisco Duarte Júnior, assim como, nos princípios do processo criativo de Ostrower Fayga. O referido artigo destaca algumas situações de aprendizagens, desenvolvidas ao longo do projeto intitulado: *Introduzindo a arte na Educação Infantil através da manipulação e experimentação*, com o objetivo de ressaltar e abordar vivências a partir da exploração de diferentes materiais, assim como, a importância desta experiência no desenvolvimento da linguagem da arte.

**Palavras-chave:** Educação-Infantil. Artes. Manipulação. Experimentação.

### INTRODUÇÃO

A obrigatoriedade do ensino da arte na escolarização infantil vem sendo uma das exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais, desde 2006. Fato que vem desestabilizando a prática pedagógica de muitos educadores/pedagogos, que se dizem, muitas vezes, “não habilitados” para desenvolverem a linguagem da arte em virtude de sua formação ser basicamente pedagógica e não artística. Inserida nesta realidade, passei a investigar situações de aprendizagens que despertassem o interesse das crianças, pela linguagem da arte. Esta investigação deu origem ao projeto: *Introduzindo a arte na Educação Infantil, através da manipulação e experimentação*. Projeto desenvolvido numa escola de Educação Infantil da rede privada de ensino do Vale do Taquari/RS, entre 2009 à 2010 e premiado no XII concurso Arte na escola cidadã no ano de 2011, na categoria Educação Infantil.

---

<sup>1</sup> Especialista em Arte-Educação - Centro Universitário Feevale/Novo Hamburgo-RS. Pedagoga – Centro Universitário Univates-Lajeado/RS. Mestranda em educação - Faculdade de Educação - FACED/ UFRGS.



A partir desta proposta, foram se originando diferentes situações de aprendizagens as quais estimularam as crianças a entrarem em contato com o universo que as cerca. Proporcionando o contato das crianças com os mais diversos materiais, tais como: argila, carvão, sementes, corantes, folhas secas, entre outros. Assim, através da manipulação e experimentação, as crianças passaram a ampliar de forma gradativa, conhecimentos importantes no processo criativo.

A principal intenção, num primeiro momento, foi estimular a curiosidade das crianças, criando um ambiente convidativo, o qual disponibilizava uma gama de possibilidades a serem investigadas. Proporcionando a elas gradativamente de forma tranquila e natural, o contato direto com diferentes materiais, ampliando assim, de forma significativa conhecimentos em relação a propriedades de textura, de medida, de peso, de cor, entre outras.

As crianças gostam e necessitam mexer-se e mexer nas coisas do mundo, bolinar o mundo, provocar o mundo até que o mundo as seduza, as contagie, gerando transformação em ambos. Nesta perspectiva não é o verbo que mobiliza ações e pensamentos na infância. É a experiência sensível do corpo e o movimento afetivo das mãos que especificam o ato poético, a interrogação, o espanto, a admiração. (Fronckowiak e Richter, 2005, p. 94).

Esta proposta não se baseou em proporcionar um ensino de técnicas, preocupado com o produto final, mas buscou desenvolver aprendizagens pautadas em vivências expressivas, que aflorassem a imaginação e estimulassem a criação e recriação, auxiliando-nos na compreensão do mundo.

## **O QUE ACONTECE QUANDO ESTAMOS CRIANDO?**

Observando as crianças durante seus experimentos, percebo o quanto elas refletem ao longo do processo de suas criações, na medida em que, testam ou descartam possibilidades, se envolvendo nas mais variadas investigações. Muitas vezes, iniciam suas produções sem saber muito bem, onde vão parar. Entretanto, no momento em que, o que estão fazendo se torna significativo, demonstram uma pré-disposição que as leva a grandes empreendimentos que, muitas vezes, acabam sendo interrompidos por nós adultos, por talvez não acreditarmos nas suas capacidades. E são nesses momentos que emergem inúmeras criações, que na maioria das vezes nos desafiam levando-nos a repensar nossa prática junto às crianças.

(Hoyuelos, 2006, p.235,) destaca o conceito de criatividade para Malaguzzi:

...significa que cada criatura é capaz de inventar seu próprio conhecimento do conhecimento. Que as crianças são capazes de construir imagens e imaginários enquanto exploram e pesquisam -com alegria- os acontecimentos da vida. Trata-se de uma criação e de uma recreação inventiva que parte dos interesses infantis relacionais, motores, perceptivos, corpóreo-sensoriais, emocionais, fantásticos, estéticos, simbólicos e cognoscitivos. Com estes interesses o menino constrói -imaginativamente- conhecimentos diferenciais: diferenças que transformam imprevisivelmente o próprio conhecimento adquirido transformando-o e reestruturando-o. (tradução da autora)

Quando falamos sobre o processo criativo, vem à nossa memória diferentes conceitos que foram se constituindo ao longo de nossas vidas a partir de conhecimentos científicos, bem como, do senso comum. Consequentemente definimos assim, o conceito em relação a esse processo tão presente e necessário em nossas vidas.

Recorro aos estudos de Ostrower (1987), com o objetivo de entender e apresentar o que realmente penso sobre o processo criativo. Segundo a estudiosa, ele é originário da intuição e da motivação que o ser humano possui ao dar forma nova as coisas que o cerca. Portanto, segundo ela, ordenando, configurando e significando, o homem encontra a motivação para criar. “*Movido por necessidades concretas sempre novas, o potencial criador do homem surge na história como um fator de realização e constante transformação.*” (Ostrower, 1987, p.10).

Sendo este potencial exclusivo do ser humano, observo que ele, através da intencionalidade, define suas escolhas e alternativas, efetivando assim o processo de criação. Para Ostrower (1987), esse aspecto é denominado de *mobilização latente seletiva*. Porém, essa decisão do ser humano, em selecionar determinada escolha, sofre de forma significativa, a influência dos aspectos culturais, que representam a base das suas ações. “*[...] a cultura serve de referência a tudo o que o indivíduo é, faz, comunica, a elaboração de novas atitudes e novos comportamentos e, naturalmente, a toda possível criação.*” (Ostrower, 1987, p.12).

Consciente deste fato, é necessário considerar as influências que, muitas vezes, acaba tolhendo nossa criatividade. Acredito que, cada indivíduo, através de sua sensibilidade, poderá analisar e conhecer melhor as escolhas que o levarão a formar e transformar a si próprio e as coisas que fazem parte do mundo. E este cuidado deve se estender no ambiente escolar, no qual os educadores necessitam ter consciência de que devem proporcionar um projeto educativo significativo, amado pelas crianças, caso contrário lhes será tirado a possibilidade de expressarem seu potencial criativo.



Vários são os fatores que vão acompanhando e definindo os processos de criação, entretanto, muitas vezes, não consideramos a infinidade de fatores que acabam moldando o que deveria ser exclusivamente de cada um, a criatividade, a qual não é exclusiva da arte, mas sim, ao ser humano.

Quando me refiro aos fatores que determinam o processo criativo, cabe destacar novamente o estudo de Ostrower (1987), que elenca a cultura, a consciência e a sensibilidade como sendo a base do processo criativo, ressaltando que a consciência e a sensibilidade são qualidades comportamentais inatas, ao contrário da cultura, que se acredita ser transmitida. *“O comportamento de cada ser humano se molda pelos padrões culturais, históricos, do grupo em que ele, indivíduo, nasce e cresce”*. (Ostrower (1987,p.11)

Podemos observar que muitas pessoas, consideram o ato de criar algo livre, solto, isento de compromisso, desvinculado do trabalho. Uma atividade não produtiva, ligada diretamente e unicamente a arte. Consequentemente, isso gera uma visão depreciada de diferentes atividades que envolvem esse processo. Observo que a constante criação do ser humano comprova que seu fazer não é puramente mecânico.

Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer e em vez de substituir a realidade, é a realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. (Ostrower, 1987, p.28).

Com o objetivo de buscar insight sobre processos e produtos criativos, Gardner analisa do ponto de vista da psicologia cognitiva os processos criativos humanos, especificamente nas manifestações artísticas, constatando uma possível oscilação no desenvolvimento artístico.

Os anos pré-escolares são frequentemente descritos como a idade dourada da criatividade, um momento em que toda criança brilha com talento artístico. À medida que esses anos passam, no entanto, parece que um tipo de corrupção toma conta, de modo que, por fim, a maioria de nós amadurece sendo adultos artisticamente atrofiados. (Gardner, 1999, p.83)

Essa constatação levou alguns estudiosos a denominarem esse quadro do desenvolvimento artístico, de curva em U, em virtude da oscilação da criatividade, que inicialmente é elevado e após vai caindo. Entretanto, Gardner admite a existência de uma clara diferença entre as atividades artísticas da criança e do adulto, na qual destaca que uma é nutrida pela despreocupação e outra pelo comprometimento. Para o pesquisador, o sucesso

artístico está diretamente ligado ao talento inato, ao ambiente, ao caráter e à personalidade. Em relação a isso, (Moreira, 2008, p.38) afirma:

...enquanto fenômeno expressivo, a criação tem implicações diferentes para a criança e para o adulto. Nas crianças o criar - que está em todo seu viver e agir - é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma. Ainda que afete o ambiente, ela não o faz intencionalmente, pois tudo o que a criança faz, o faz em função da necessidade do seu próprio crescimento, da busca de se realizar. O adulto criativo altera o mundo que o cerca, o mundo físico e psíquico, em suas atividades produtivas ele sempre acrescenta algo em termos de informação e sobre tudo em termos de formação.

Independente do conceito que possuímos em relação ao processo criativo, é possível observar que o mesmo, somente existe quando há a intenção e o desejo do ser humano em formar e transformar. Isto nos leva a crer que ao proporcionarmos as crianças um ambiente desafiador, estamos incentivando este processo, que os tornará seres capazes e ativos.

## A CRIAÇÃO SOB O OLHAR SENSÍVEL

Apresentar o universo para as crianças passa a ser algo encantador, mas que exige estarmos em sintonia com elas, estabelecendo assim, diálogos, muitas vezes, sem palavras. Diálogos estes, que vão contribuindo para a concretização de noções fundamentais no seu desenvolvimento. Diálogos proporcionados através da *escuta sensível*, que transcendem a audição e que podem ser estabelecidos por olhares, expressões e gestos. E ao tratamos de crianças pequenas, este diálogo necessita estar indispensavelmente presente. Proporcionando um ambiente favorável, no qual somos os responsáveis em apresentar o universo e seu funcionamento.

Observando a realidade do mundo moderno, podemos perceber que estamos nos distanciando cada vez mais das coisas simples, em virtude da visão fragmentada que temos das coisas do mundo, dos conhecimentos e da natureza. Este fato reflete em nosso fazer pedagógico, influenciando no planejamento, produzindo e proporcionando situações que influenciam na formação das crianças que estamos educando.

Quais os motivos que nos levam a propagar uma educação que desconsidera as coisas simples da vida? A chegada da primavera, com suas cores vibrantes ou simplesmente a terra vermelha do canteiro do pátio? Inúmeras situações de aprendizagens podem ser desenvolvidas num simples passeio pelo pátio, sem precisarmos ultrapassar os muros da escola. Quem sabe

nos acostumamos a direcionar o ensino para aqueles conhecimentos necessários e básicos exigidos pelo mundo moderno: os lógico-matemáticos, para conseguir gabaritar a prova do vestibular; os de uma língua, de preferência o inglês, para fazer parte dos que dominam o mundo; e os conhecimentos de informática, para nos mantermos informados e conectados o tempo integral a tudo e a todos. Reconheço a importância de todos esses conhecimentos, entretanto chamo a atenção para o esquecimento ou a desconsideração de muitas outras linguagens que fazem parte de nós, como no caso a arte.

Para tanto, inspirei-me na busca de Duarte Júnior, por uma educação do sensível. Segundo o autor, há a necessidade de reconhecermos os fundamentos da existência, através de uma educação do sensível; sensibilizando-nos diante da natureza, descobrindo as cores, os cheiros, as formas, e as texturas que esse mundo oferece.

Duarte Júnior (2003, p.167), ao ressaltar a fragmentação do conhecimento em nossa civilização, questiona a preocupação demasiada na intelectualização do ser humano, que consequentemente passa a se especializar em conhecimentos específicos, aprofundando-se cada vez mais em cada vez menos:

Este domínio de campos restritos do conhecimento, peculiar ao mundo moderno, significou, por conseguinte, uma perda não só da abrangência, mas também da qualidade das conclusões obtidas. Conclusões as quais, desarticuladas de uma vida cotidiana e sensível, houveram que perder também todo e qualquer caráter sensorial e estético.

Ao valorizarmos as coisas simples de nosso dia-a-dia, passamos a nos relacionar com as coisas e acontecimentos. Passamos a enxergar possibilidades numa simples folha seca, caída no chão, assim como, numa terra que pode virar tinta, ou simplesmente numa água que nos ensina o conceito de incolor. Estes estímulos, que muitas vezes desconsideramos, exigem nosso olhar sensível.

## **COLOCANDO EM PRÁTICA ALGUNS CONCEITOS**

Acreditando na potencialidade da criança, respeitando seu tempo e seus saberes, passei a desenvolver o projeto Introduzindo a arte na educação infantil através da manipulação e experimentação. O qual foi se constituindo através de temas de investigação e exploração, que





foram surgindo através do interesse e curiosidade das crianças e amplamente desenvolvidos com objetivo de ampliar seus repertórios em relação a linguagem da arte.

A grande questão a ser resolvida era descobrir como desenvolver a linguagem da arte com crianças tão pequenas? Quais os recursos que seriam necessários para que elas compreendessem e despertassem seu interesse pela arte? Qual seria a idade “certa” para introduzir essa linguagem? Para tentar responder estas inquietações, observei que acima de tudo, era preciso encontrar uma maneira simples e significativa de desenvolver esta linguagem. E foi neste momento que percebi a aproximação de minha prática educativa, com os conceitos que vinha estudando.

Passei a desenvolver situações a partir de materiais inusitados como argila, carvão, sementes, pétalas, entre outros. E estas vivências nos possibilitaram investigar as diferentes possibilidades e propriedades dos materiais, sem a preocupação com o produto final. De acordo com Duarte Júnior(2003)

Saber perceber o mundo ao redor, em termos dos materiais e substâncias que o compõem, coletando-as e as trabalhando artesanalmente consiste, com efeito, numa maneira de estabelecer vínculos mais sensíveis com a natureza. Assim, a ecologia, a sensibilidade e a educação revelam o quão interligadas podem estar se não forem tomadas como partes independentes de um conhecimento fragmentário e desvinculado da vida de cada um (p.34).

Esta investigação com os materiais potencializou o interesse das crianças em relação a situações que envolviam diferentes técnicas como a dos respingos, esponjamento, estêncil, monotipia, entre outras. Além disso, foram gradativamente, abrindo espaço, para agregar conhecimentos em relação a biografia de artistas e suas respectivas obras. A intenção desta abordagem ocorreu de forma muito natural, sempre com a intenção de mostra as crianças, o quanto elas também eram capazes de criar.

Uma das características mais marcantes desta proposta foi a flexibilidade do planejamento, uma vez que, a prática ia se construindo conforme os interesses e curiosidades das crianças. Entretanto, com o cuidado de oferecer a elas, segundo Junqueira Filho “*aquilo que elas precisam saber não só porque querem saber, mas porque precisam saber*”. Havia um planejamento pensado e organizado, porém, conforme as crianças iam despertando sua curiosidade, o projeto tomava novos rumos.

Clark apud Kinney (2009), referindo-se à importância desse diálogo entre educador e criança, corrobora dizendo que:



Considerar a ação requer coragem. Considerar a ação como resultado de escutar as crianças significa às vezes ter de mudar decisões já tomadas. Isso às vezes exhibe lacunas no nosso pensamento e entendimento de adultos. Considerar a ação significa que temos de reconhecer e confessar isto ou admitir que estávamos errados e, talvez, mais importante, que não detemos todo o conhecimento (p.23).

Outro fato importante que merece destaque está ligado a diversidade de materiais, os quais foram ampliando e estimulando os conhecimentos das crianças em relação as especificidades dos mesmos. Descobrir que a argila era fria, pesada, marrom ou simplesmente melecada, proporcionou as crianças, um conhecimento prévio das propriedades do material que iriam utilizar em suas futuras criações. E assim, foi possível apresentar às crianças, uma infinidade de possibilidades disponíveis na natureza, viabilizando a elas novas formas de criação e recriação.

## **CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES**

Compreender como as crianças aprendem e como mediar esse processo, passou a ser uma das grandes reflexões desta proposta. Saber ao certo, o que realmente as crianças aprenderam. Claro que não posso precisar essa resposta, mas posso apresentar algumas constatações que me sinalizaram a ampliação do repertório das crianças. Sinais que me foram trazidos pelas falas dos pais, que observaram que seus filhos estavam trazendo novos conhecimentos para serem compartilhados em casa, assim como, a postura das crianças, que demonstrava a apropriação de diferentes conhecimentos.

Ao longo deste projeto foi possível observar que era preciso re-organizar o tempo o espaço os materiais e acima de tudo direcionar um olhar mais atento a cada criança. A necessidade de estruturar os espaços a partir das crianças passou a ser um fato extremamente importante, na medida em que, através desses, as crianças passaram a se sentir mais livres para suas criações. O acesso a diferentes materiais ,assim como, oportunizar o contato com a natureza, passou a ser indispensável no desenvolvimento da criança como um ser integral.

Observei que a realidade que permeia o ensino da arte de muitas escolas de educação infantil ainda se baseia em atividades que muitas vezes, resultam apenas na reprodução de técnicas, com o objetivo baseado no produto final. Espero que as análises realizadas nessa pesquisa possam auxiliar, em especial, esses professores, levando-os a refletir e repensar sua prática. Buscando novas formas, novas possibilidades de levar o encanto da arte às crianças



pequenas, de forma natural e significativa. Encontrando, novas formas para trilhar caminhos, despindo-se de muitos hábitos e conceitos enraizados em sua prática.

Mesmo sem precisar ao certo o que realmente ficou registrado na memória das crianças, foi possível observar o quanto somos responsável pela formação de cabeças- bem-feitas” (Morin,2000) que deixem de empilhar e acumular as informações.

Consciente da amplitude desse processo, acredito que as reflexões e as análises realizadas nesse estudo não devem ser incorporadas como únicas, mas devem nos conduzir a constantes reflexões e criações.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba, PR: Criar Edições, 2003.

RICHTER, Sandra R. S. **Experiência Poética e Linguagem Plástica na infância.** UNISC-GE: Educação e Arte /n.01, Agência Financiadora: FAP/UNISC.

HOYUELOS, A. **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** Barcelona, ES: Ediciones Octaedro: Rosa Sensat, 2006.

JUNQUEIRA FILHO, G. A. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação Infantil.** Porto Alegre, RS: Mediação, 2005.

GARDNER, H. **Arte, Mente e Cérebro: Uma abordagem cognitiva da criatividade.** Tradução S. Costa. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1999.

HOYUELOS, A. **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** Barcelona, ES: Ediciones Octaedro: Rosa Sensat, 2006.

KINNEY, L.; WHARTON, P. **Tornando visível a aprendizagem das crianças.** Porto Alegre, RS: Arned, 2009.

MALAGUZZI, L. **L'ombra e il pallottoliere dei bambini.** In: **Tutto ha un'ombra meno le formiche.** Reggio Emilia: Comune di Reggio Emília, 1990. p. 24-32.

MOREIRA, A. A. **Espaço do desenho: a educação do educador.** 12. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008.

MORIN E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2000.

OSTROWER, F. **Criatividade e processo de criação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.